

ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: UM OLHAR ACADÊMICO PARA A RELAÇÃO ESPORTE-CRIANÇA

Prof. Derli Juliano Neuenfeldt

Jorge Augusto Petry

Luiz Gustavo Hansel

RESUMO

Este trabalho vai abordar algumas questões relacionadas a especialização precoce. Serão citados alguns casos como, a influência da família e sua posição diante da situação, os treinadores e seu papel, os problemas identificados no desenvolvimento da criança e a sobrecarga de treinamento.

PALAVRAS CHAVES: rendimento, precocidade, competição, família e treinamento.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo mostrar toda a questão negativa que fica por traz da formação de um atleta de rendimento e que passa despercebida na maioria da sociedade.

É importante que as pessoas saibam identificar a diferença entre o sucesso, o status e a fama, que cercam a vida de um atleta e da precocidade do seu desenvolvimento em geral.

Queremos mostrar que uma criança sujeita a esse tipo de precocidade terá etapas de desenvolvimento “queimadas”, habilidades restritas a uma modalidade só, visão diante do esporte extremamente competitiva e disposta ou forçada a qualquer sacrifício, seja ele corporal, mental ou social, para levar vantagem sobre alguém ou alguma coisa.

2 DESENVOLVIMENTO

O presente artigo quer abordar através de uma análise reflexiva a questão da especialização precoce que, atualmente, é uma prática dominante em todas modalidades do esporte de alto rendimento. Esta análise é feita sob o olhar do acadêmico de Educação Física com preocupação pedagógica sobre a infância e o esporte.

Entendemos por esporte de rendimento aquele que busca o alto nível, que é fruto do treinamento sistematizado, que é alienante e excludente e que tem por objetivo a participação em competições esportivas.

A família por sua influência é quem introduz os filhos nas modalidades de escolinhas esportivas de suas experiências. Ao vislumbrarem possibilidades de sucesso no desempenho de seus filhos, passam a estimulá-los cada vez mais em seus sonhos de tornarem-se campeões.

É nesta fase que os clubes conseguem um maior apoio para a manutenção econômica, porque a família se envolve e passa a dar o apoio financeiro, muitos pais passam a diretores de categoria os conhecidos “patrocinadores”.

Reconhecemos o papel fundamental que a família representa na adaptação e na progressão dos seus filhos nas modalidades esportivas escolhidas, que contribui com equilíbrio nas suas atitudes em relação ao rendimento dos mesmos. Pressões para que os filhos obtenham êxito precocemente, são segundo Hahn (1988), justificativas equivocadas dos pais, que desejam converter seus filhos em estrelas do esporte, seria como uma sobre compensação dos êxitos não conseguidos por eles mesmos.

Por outro lado, treinadores, clubes e federações, na ânsia de conseguir, no menor tempo os resultados para seus atletas, valorizarem por demais os treinamentos, submetendo-os a uma quantidade de treinamento muito excessiva que conforme Kunz (1994), promove os seguintes problemas na vida da criança e, especialmente, em seu futuro após encerrar sua carreira esportiva:

- formação escolar deficiente devido a carga horária diária do treinamento de duas horas ou mais de uma modalidade;
- prática de uma só modalidade quando o correto seria a possibilidade de diversas modalidades;

- redução da participação de brincadeiras de jogos do mundo infantil, queimando etapas da vida. O rendimento não permite o brincar, tudo é sério, o resultado depende da atitude.

Para colaborar com Kunz, transcrevemos as palavras de Natália Eidt, atleta da GRD, medalhista de ouro nos jogo Pan Americanos de Santo Domingo em 2003, em entrevista ao jornal Gazeta do Sul de Santa Cruz do Sul:

Irei deixar o palco em 2004. Preciso recuperar o tempo perdido ao lado da família. No ano que vem estarei com 18 anos e a nossa carreira dura no máximo até os 20. Nosso corpo sofre muito e temos constantes lesões. O novo código da GRD nos obrigou a movimentos que exigem muita flexibilidade e tive que ficar muito tempo me recuperando de um problema na coluna (p.32).

Tânia Zagury, educadora e pesquisadora carioca em entrevista a revista Nova Escola (2000), falou sobre o que acha de pais que estimulavam a precocidade dos filhos:

“Faz parte de uma sociedade competitiva, com tendência a recessão e cada vez mais globalizada. Cada vez mais cedo os pais procuram dar estímulos para o filho não ficar para trás. Há crianças que até disputam docinhos e tapa nas mesas de aniversário. E quando acha que o filho não lutou o pai fica apavorado, tem medo de que ele seja um derrotado”. (p.17)

Nos esportes outros fatos negativos acontecem, pela ambição desenfreada pelo sucesso dos filhos por parte dos pais e professores chegando a ponto de falsificarem certidões. É o caso dos “gatos”, competições onde participam, por exemplo, crianças de 10 anos contra os de oito anos, levando nítida vantagem por possuírem mais experiências motoras. Pais e professores que fazem isso, que tipo de educação e que valores estão passando para seus filhos ou alunos? A esperança é profissionais bem formados possam atuar nos processos de aprendizagem e treinamento de esporte para a criança, oportunizando um desenvolvimento global da personalidade da mesma, valorizando-a pela participação e não por suas proezas atléticas.

3 CONCLUSÃO

Nossa conclusão é de que a sociedade vive em um mundo extremamente competitivo, seja ela qual for. Aí que começa o nosso erro, na cultura das pessoas. Isso faz com que qualquer pai que queira ver seu filho se dar bem, comece desde cedo a encaminhar ele em busca de um futuro promissor. Para isso, transmite uma sensação para a criança de que o que importa é somente o seu futuro, e tudo o que faz é em benefício dele. Aí então a criança passa a queimar etapas importantíssimas do seu desenvolvimento para se dedicar a algum fim específico. Sendo ele esportivo, a dedicação vai desde corporal até psico-social. Só que isso não passa na cabeça da maioria dos pais, e nós como profissionais da área, ainda incentivamos certos casos ao invés de trabalharmos somente em benefício do desenvolvimento e aprendizagem da criança. A competição é importante sim, mas só se sabermos dosá-la na medida que for compatível ao processo em que a criança se encontra. Nada adianta quereremos formar ídolos se o que importa para eles não é o futuro e sim um momento prazeroso de viver.

BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

CARRAVETA, Élio Salvador. Desporto Olímpico: Um novo paradigma de suas relações sociais. Porto Alegre. Ed: Universidade/UFRGS. 1997.

JUNIOR, Benno Decker. Psicologia Aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo-FEEVALE. 2000

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. Revista Movimento, nº1. Porto Alegre. Escola de educação Física – UFRGS. (1994).

NOVA ESCOLA, Revista. Nº 130. Março de 2000. Pg.15 a 17.